

O nordestino segundo um presidente da República: imaginário, trabalho e disputa de sentidos

The nordestino according to a president of the republic: imaginary, labor and meaning dispute

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8670985

Débora Massmann¹
UFAL

Isadora Machado²
UFBA

Maraisa Lopes³
UFPI

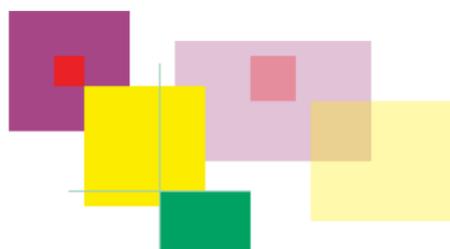
Resumo

Analisamos os sentidos de 'nordestino' postos em funcionamento pelo atual Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Inscrevemo-nos, para tal, na perspectiva teórica da Análise de Discurso, proposta por Michel Pêcheux e Eni P. Orlandi, pois se apresenta como um dispositivo teórico-analítico de interpretação que permite pensar as relações entre língua, sociedade e história, e os processos discursivos que daí derivam. Sustentamo-nos nas noções de condições de produção, memória discursiva e paráfrase para analisar os processos de significação que se dão em diferentes formas de linguagens (imagens, enunciações etc.). A partir de nossos gestos de análise, compreendemos uma regularidade discursiva que significa os nordestinos e as nordestinas como pessoas que 'não gostam de trabalhar'.

1 Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, atua junto ao Curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, na área de Análise de Discurso, Semântica da Enunciação e Estudos da argumentação. Líder do Grupo de Pesquisa DISENSO (Discurso, Sentidos e Sociedade). E-mail: massmann.debora@gmail.com

2 Escritora, linguista e ativista antimanicomial. É a favor de uma universidade pública, gratuita, socialmente referenciada, de qualidade e para todes. Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia. Líder da GrupA (Grupa de Práticas em Semântica e Discurso). Ensino, pesquisa e extensão: processos de significação na modernidade colonial-capitalista; epistemologias terceiro-mundistas; história das ideias linguísticas; filosofia da linguagem; análise de discurso; metodologia e investigação em humanidades. E-mail: isadoram@ufba.br

3 Professora associada da Universidade Federal do Piauí, atua junto ao Curso de Licenciatura em Letras-Libras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Linguística, com ênfase em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Líder dos Grupos de Pesquisa NEPAD e EntreRios. E-mail: maraisa_lopes@uol.com.br.



Palavras-chave: Análise de Discurso, Nordestino, Bolsonaro, Trabalho, Preguiça.

Abstract

This article aims to analyze the meanings of 'nordestino' put into operation by the current President of the Republic, Jair Messias Bolsonaro. To this end, we subscribe ourselves to the theoretical perspective of Discourse Analysis, proposed by Michel Pêcheux and Eni P. Orlandi, as it presents itself as a theoretical-analytical device of interpretation that allows us to understand the relationships between language, society and history and the discursive processes that derive from it. We rely on the notions of production conditions, discursive memory and paraphrase to deal with the processes of meaning that take place in different forms of languages (images, utterances, etc.). Considering our analysis gestures, we understand that a discursive regularity that means Northeastern people as people who 'don't like to work'.

Keywords: Discourse Analysis, Northeastern People, Bolsonaro, Labor, Laziness.

*Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos
Será, será, que será?*

Caetano Veloso

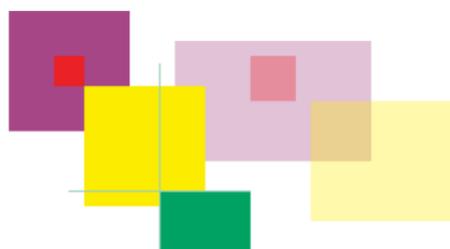
Se a ideologia não é um ritual sem falhas, como afirma Pêcheux, é possível não sucumbir ao comum (gemein: senso comum, consenso), como diz Nietzsche. Não alienar-se. Historicizar (se), enquanto ser histórico e simbólico, interpelado pela ideologia e constituído pelo político. Por-se em outro "lugar". O do irrealizado.

Eni Orlandi

Considerações Iniciais

Analisamos, neste estudo, os sentidos de *nordestino* postos em funcionamento pelo atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Trata-se, pois, de compreender, a partir das Ciências da Linguagem, e de modo mais específico, da Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux e Eni P. Orlandi, as relações de sentido e as relações de força materializadas em enunciados produzidos pelo atual Chefe de Estado brasileiro, que retomam questões históricas e reacendem outras tópicas das redes de memória.

A Análise de Discurso se apresenta como um dispositivo teórico-analítico de interpretação que permite compreender as relações entre língua, sociedade e história, e os processos discursivos que daí derivam. Nas palavras de Orlandi (2002),



a análise de discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2002, p. 27).

Pelas palavras da autora, entendemos que interessa ao analista de discurso compreender o funcionamento da linguagem na relação com o sujeito, com a sociedade e com a história. Analisar esse processo de produção de sentidos implica trabalhar a triangulação língua > discurso > ideologia, pois, como afirma Orlandi (2002, p. 16),

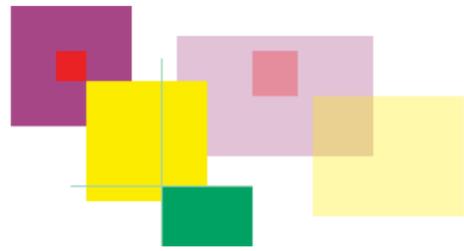
partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a análise de discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2002, p. 16).

Tem-se, assim, que é no e pelo discurso que a relação língua e ideologia se materializa, ganha espessura e significa levando em consideração as condições de produção. Ao discorrerem sobre esta noção, Pêcheux e Fuchs (2014, p. 179) destacam que “as condições de produção”⁴ de um discurso não são espécies de filtros ou freios que viriam inflectir o livre funcionamento da linguagem”. Para os autores,

a noção de condições de produção de um discurso (...) pode apresentar ambiguidades: parece efetivamente, (...) que se pode entender por isso seja as *determinações que caracterizam um processo discursivo*, seja as *características múltiplas de uma “situação concreta”* que conduz à produção, no sentido linguístico (...) deste termo, da superfície linguística de um discurso empírico concreto (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 182).

Orlandi (2006), por sua vez, ao refletir sobre a referida noção, produz importantes deslocamentos que nos levam a compreender as condições de produção como uma das noções centrais para os estudos discursivos, à medida que envolvem o sujeito, a situação e a memória discursiva (interdiscurso). É sustentada na noção de condições de produção que formulamos nossa questão de pesquisa, a saber: considerando a discursividade produzida pelo atual Presidente da República do Brasil, como o *nordestino* é significado e a que memória discursiva esses sentidos se filiam visto que colocam em funcionamento um jogo imaginário

4 Aspas no original.



cujo processo de significação parece se inscrever em um discurso estereotipado⁵, cristalizado na memória e na história sobre a região e seu povo?

Interessa-nos, assim, observar diferentes materialidades (imagens, enunciados etc.) que, inscritas em determinadas condições de produção, colocam em funcionamento uma discursividade sobre *nordestinos*.

Das condições de produção ao funcionamento político da linguagem

Jair Messias Bolsonaro (1955-) é o 38º presidente do Brasil, e ocupa essa posição desde o dia 01 de janeiro de 2019. Entre 1991 e 2018, foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Toda sua vida política vem sendo marcada por declarações discriminatórias e atuação política débil.

Em 2019, as praias do Nordeste brasileiro foram tomadas por um derramamento de óleo: 238 praias e 89 cidades atingidas⁶. Esse número, segundo especialistas, foi alto em função da inoperância do Presidente da República em acionar um plano de contingência de desastres no mar. Nessa ocasião, o Ministério Público Federal, junto a promotores dos estados do Nordeste, protocolou uma acusação formal contra Bolsonaro, por omissão nesse episódio que atingiu mais de 2.000 quilômetros do litoral nordestino⁷.

No ano seguinte, em 2020, enquanto um incêndio de grandes proporções consumiu mais de 12% do (bioma) Pantanal, circulou um vídeo em que Bolsonaro, durante uma reunião oficial do Governo, ria da tragédia⁸. Ainda nessa oportunidade, o então Presidente acusou, durante um pronunciamento oficial da ONU⁹, os indígenas da região de terem causado o crime ambiental.

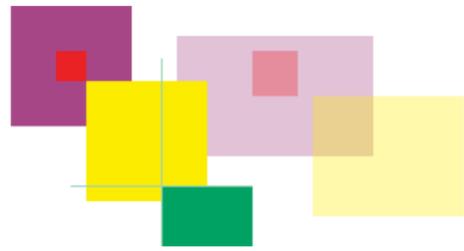
5 Estamos entendendo estereótipo enquanto uma imagem que se repete pelo ritual ideológico e se fixa, nessa repetição, enquanto já-dito.

6 Disponível em <https://bit.ly/3cOmHXv>. Acesso em 20.ago.2022.

7 Disponível em <https://bit.ly/3qfOfld>. Acesso em 20.ago.2022.

8 Disponível em <https://bit.ly/3TJzQ4B>. Acesso em 20.ago.2022.

9 Disponível em <https://bit.ly/3KNNeRf>. Acesso em 20.ago.2022.



Em maio de 2022, o pesquisador Marcelo Neri e a FGV Social publicaram um estudo chamado *Insegurança Alimentar no Brasil: Pandemia, Tendências e Comparações Globais*. Segundo esse estudo, o Brasil do Governo Bolsonaro experimenta: a volta ao mapa da fome, principalmente após a pandemia de COVID-19; o aumento da insegurança alimentar entre os 20% mais pobres; a feminização da pobreza; além do aumento do número de ‘novos pobres’¹⁰.

Em função desse cenário desolador, sobretudo pela falha atuação deste Presidente durante o período pandêmico, a Comissão Arns denunciou Jair Bolsonaro à ONU por tragédia humanitária¹¹. Também foram denunciados à ONU a atuação do Presidente durante a pandemia e os frequentes ataques que ele promove contra o sistema eleitoral brasileiro.

Compreendemos com Nobre (2020) que é inócua significar os dizeres bolsonaristas nos matizes de ‘louco’ e ‘burro’, pois o xingamento tira a responsabilidade do atual presidente por atos e por palavras. Para Nobre (2020, p. 8), “sair dessa armadilha exige tratar Bolsonaro como o que ele de fato é, como um político que age segundo a racionalidade e a lógica da política”.

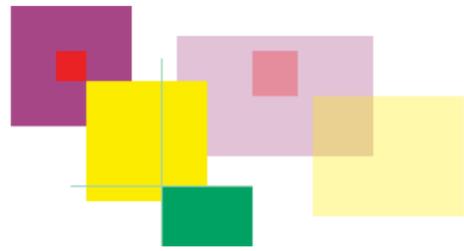
Nesse ponto é importante fazer derivar os sentidos de política, a fim de bem posicionar nossa análise, que se dá no entroncamento entre língua, sujeito e história. Interessa, pois, para nós, compreender o funcionamento do político na linguagem, tal como propõe a Análise de Discurso.

Movimento analítico

Pêcheux (2002) afirma que um acontecimento convoca um espaço da memória e o reorganiza. Dessa forma, quando trabalhamos com um determinado material há questões que são construídas enquanto pertinentes em relação a ele. Tomar os sentidos de Nordeste e nordestino em enunciados de Jair Messias Bolsonaro como objeto de análise, demanda, assim, que atentemos para os espaços de memória que são retomados, para o modo como

10 Disponível em <https://bit.ly/3wYeGG4>. Acesso em 20 ago.2022.

11 Disponível em: <https://bit.ly/3wZTOOJ>. Acesso em 20 ago.2022. Sobre essa acusação, já circula um rascunho da sentença do Tribunal Permanente dos Povos, o qual aponta que Jair Bolsonaro será condenado por graves violações de direitos humanos (cf. <https://bit.ly/3BhEAqX>. Acesso em 03.set.2022).



os processos discursivos jogam nessas condições de produção e, por conseguinte, para o modo como os efeitos de sentido são produzidos.

Segundo Orlandi (2006), a memória discursiva é trabalhada pela noção de interdiscurso: algo fala antes, em outro lugar e independentemente. Trata-se, de acordo com a autora, daquilo que chamamos saber discursivo. É o já-dito que constitui todo dizer.

A memória, segundo Pêcheux (2007, p. 56), é ativada pelo acontecimento, pois desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior, já que se trata de “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”.

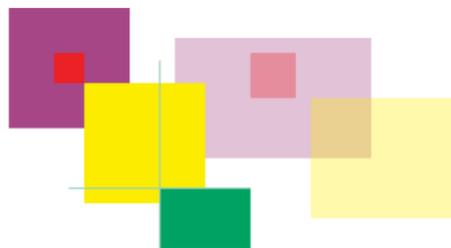
Além disso, é preciso remontar a Loraux (2017), no texto “Da anistia e de seu contrário”, sobre a questão do esquecimento, tratando de um autor (Phrynikhos) que foi punido porque fez uma peça que lembrava aos atenienses uma guerra e seus inimigos. Ele foi exilado e condenado ao esquecimento e sua peça fora proibida, pois aquele fato não era para ser lembrado, deveria ser esquecido.

Loraux (2017) discorre, ainda, sobre como, para os gregos daquela época, a arte da política é a arte do esquecimento, da anistia, do que se deve *lembrar-se de esquecer*, fazendo uma divisão daquilo que se deveria lembrar e o se deveria esquecer para que a vida social e a história seguissem seu curso.

Nesse sentido, o que deve ser lembrado sobre um *nordestino*? O que deve ser esquecido? O que se deve lembrar e o que se deve esquecer sobre os enunciados de Bolsonaro sobre a diversidade da *população nordestina*?

Primeiramente, cabe-nos refletir sobre os sentidos que estão cristalizados nos dicionários, sentidos “legitimados” pelas instituições que funcionam na direção de consolidar processo(s) de significação na história e de fundamentar certa memória sobre os *nordestinos*, pois entendemos que,

como diria Edward Said (...), cabe ao pensamento lembrar aos homens que muito da credibilidade de certas noções deriva apenas de sua repetição, e que os estereótipos e as categorias redutoras que emergem das verdades naturalizadas nos limitam ao invés de nos favorecer (AGRA DO Ó, 2011, p. 27).



Questionamo-nos: o que é *Nordeste* e o que é *nordestino*? Consultando o discurso lexicográfico, temos no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa online¹²:

Nordeste

substantivo masculino

1 direção, na esfera celeste, a meio entre as direções norte e leste [símb.: *NE*]

adjetivo de dois gêneros

2 relativo ao ou do nordeste (acp. 1); *nordésteo*

adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino

3 *geo* que ou o que se situa a nordeste [acp. 1] (diz-se de região ou conjunto de regiões)

3.1 *geo B* que ou o que abrange o Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (diz-se de região brasileira) [abrev.: *N.E.*] inicial maiúsc.

4 (1555) *met* que ou vento que sopra dessa direção

nordestino

substantivo masculino

1 natural ou habitante de alguma região geograficamente a nordeste

1.1 B; abs. indivíduo nascido ou habitante do Nordeste do Brasil

adjetivo

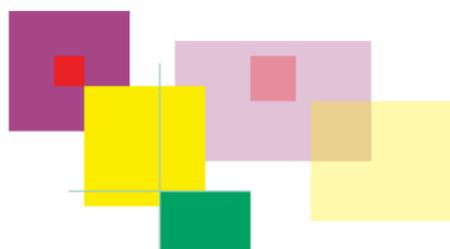
2 relativo ou pertencente à região ou ao conjunto de regiões que se situa geograficamente a nordeste

2.1 (1925) B; abs. de, próprio de, relativo à região Nordeste do Brasil
<comida n.> <o baião n.>

Há um consenso quanto ao que seja *Nordeste* e *nordestino*, quanto ao que deve pertencer à memória daquilo que seja *Nordeste* e *nordestino*? Se recorrermos a um site de busca na internet, como o Google Imagem¹³, por exemplo, e colocarmos as entradas *Nordeste*, *nordestino*, *Nordeste + Bolsonaro* e *nordestino + Bolsonaro*, diferentes são as imagens que aparecem, como podemos verificar a seguir:

¹² Disponível em <https://bit.ly/3AKFJ8U>. Acesso em 21.ago.2022.

¹³ A pesquisa foi feita em 21 de agosto de 2022, às 16h32min. No quadro, apresentamos a primeira imagem que é fornecida na busca. Gostaríamos de lembrar que a ordem em que as figuras aparecem no site de busca pode sofrer alterações.



<p>Figura 1: Nordeste¹⁴</p>	<p>Figura 2: Nordeste + Bolsonaro¹⁵</p>
	
<p>Fonte: https://bit.ly/3egjSyE</p>	<p>Fonte: https://bit.ly/3RndWCF</p>
<p>Figura 3: Nordestino¹⁶</p>	<p>Figura 4: Nordestino + Bolsonaro¹⁷</p>
	
<p>Fonte: https://bit.ly/3REfo3f</p>	<p>Fonte: https://bit.ly/3TLbY0z</p>

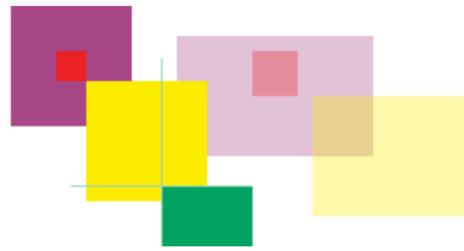
Tabela 1

14Disponível em <https://bit.ly/3egjSyE>. Acesso em 21. ago.2022.

15 Disponível em <https://bit.ly/3RndWCF>. Acesso em 21. ago.2022.

16 Disponível em <https://bit.ly/3REfo3f>. Acesso em 21. ago.2022.

17 Disponível em <https://bit.ly/3TLbY0z>. Acesso em 21. ago. 2022.



Observamos a dissensão de sentidos que funciona nesse arquivo aparentemente aleatório como o de um ‘buscador’ da Internet e que nos mostra como o sentido é dividido. Pensando nosso objetivo específico, vemos na entrada *Nordeste* funcionar a remissão à região brasileira composta por 9 estados, coadunando com aquilo que lemos na acepção 3.1 de *Nordeste* para o Houaiss, a saber “que ou o que abrange o Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (diz-se de região brasileira)”.

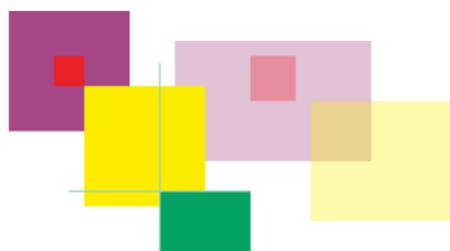
Quando pensamos a imagem que se nos mostra a partir da entrada *Nordeste + Bolsonaro*, somos remetidos ao número de votos obtidos por Bolsonaro na última eleição presidencial no Nordeste, à indicação de que este teria sido o melhor resultado anti-petista de todos os tempos, além de que Bolsonaro teria vencido em cinco das nove capitais, sendo o segundo mais votado, à frente do “nordestino *Ciro Gomes*”, informações essas dadas pela “Direita Paraíba”.

Se em *Nordeste* havia a remissão ao aspecto geográfico, em *Nordeste + Bolsonaro* temos o espaço de significação remetido à política. O que conta são os votos, é ter tido um resultado mais positivo para a direita com relação a sufrágios anteriores, já que há um já-dito de que o Nordeste seria uma região que tradicionalmente votaria em políticos de esquerda e, mais especificamente, nos do Partido dos Trabalhadores, como lemos em “O Nordeste brasileiro deu uma votação recorde ao PT no segundo turno das eleições presidenciais em 2018” (MADEIRO, 2018)¹⁸.

Além disso, observamos em “ficando à frente do nordestino *Ciro Gomes*” a construção de um lugar de força, de dominação da/na região por Bolsonaro já que ele teria vencido, inclusive, o nordestino, o próprio da região. Não menos importante é notarmos quem assina a imagem: “Direita Paraíba”, que, em sua página de Facebook¹⁹, define-se como “um movimento popular que luta contra a Corrupção, pela Família e por um Brasil livre da esquerda”. É interessante pensarmos que “Paraíba”, para além de remeter ao local em que vivem os sujeitos que encabeçam tal movimento, ao Estado que deu a segunda maior votação em porcentagem para Bolsonaro no Nordeste, no segundo turno das eleições de 2018, pode

18 Disponível em <https://bit.ly/3es708E>. Acesso em 21.ago.2022.

19 Disponível em <https://bit.ly/3KPzUM5>. Acesso em 21.ago.2022.



ser lida como uma hiponímia para Nordeste, nomeação fortemente utilizada por Bolsonaro ao se referir à região e ao povo nordestino, como lemos em “Daqueles governadores de Paraíba, o pior é o do Maranhão. Tem que ter nada com esse cara” (PODER 360, 2019)²⁰.

Para além de pensarmos no quão preconceituoso é o uso de “Paraíba” para nomear Nordeste, devemos pensar que esse modo de dizer sobre o Nordeste remonta a uma memória ligada aos fluxos migratórios de nordestinos para o Sudeste a partir dos anos 1960 (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005), especialmente de baianos para São Paulo e de paraibanos para o Rio de Janeiro. Para si (2019)²¹, deu-se o uso de ‘baiano’ em São Paulo e de ‘paraíba’ no Rio para designar uma população mais pobre, com baixa escolaridade e que vinha do Nordeste para viver nas periferias dessas capitais e desenvolver os trabalhos menos qualificados.

Ainda segundo Lucchesi (2019), ‘baiano’ e ‘paraíba’ passaram a significar negativamente o nordestino, dizendo-o como “pessoa ignorante, desqualificada”. Faraco (2019)²² corrobora essa proposição apontando que “O uso pejorativo está claramente vinculado à migração dos nordestinos para o Sudeste [...] eram pobres e ficou aquela pecha de recusa a esse tipo de migrante”.

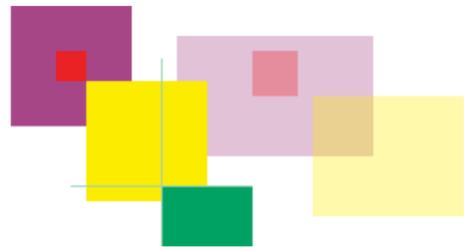
Passando à entrada *nordestino*, vemos na imagem um homem não-branco vestido de gibão e com o tradicional chapéu de couro. Ao fundo, vemos os cactos, muito provavelmente mandacarus, cactáceas adaptadas às condições climáticas do semiárido, chegando a seis metros de altura e se apresentando em formatos que lembram um candelabro. Produzem-se sentidos que recuperam a ideia de que tradicionalmente o nordestino fora significado pela imagem do vaqueiro que vestia seu gibão e seu chapéu para proteger-se em meio à corrida nas matas tentando dominar um animal.

Um chapéu também aparece na imagem que se nos apresenta ao colocarmos a entrada *nordestino* + *Bolsonaro*. Não é mais o chapéu de vaqueiro, mas sim o de cangaceiro, com a aba mais alongada e fletida para cima. A utilização do chapéu de cangaceiro por Bolsonaro retoma a história do cangaço, um movimento social que demonstrava sua

20 Disponível em <https://bit.ly/3cRGh5a>. Acesso em 21.ago.2022.

21 Disponível em <https://bit.ly/3CZJlXo>. Acesso em 21.ago.2022.

22 Disponível em <https://bit.ly/3RD5dMr>. Acesso em 21.ago.2022.



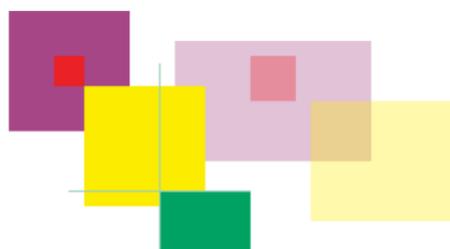
insatisfação pelas condições precárias em que a maioria da população nordestina se encontrava, sendo contrário à concentração do poder nas mãos de poucos. O uso desse chapéu por Bolsonaro se marca pela contradição: se o cangaço defendia o bem da coletividade, a não dominação das riquezas por poucos, Bolsonaro, em seu discurso em defesa do neoliberalismo, da manutenção do grande empresariado como aquele que pode oferecer ajuda aos pobres dando-lhes trabalho e apontando os dedos em forma de “arminha” numa alusão ao poder militar, se coloca em posição contrária àquela simbolizada pelo chapéu do cangaceiro. Num movimento de contra-identificação, Bolsonaro se afasta dos sentidos próprios à história dos cangaceiros e aproxima-se de algo da ordem do preconceito, ao banalizar um símbolo do Nordeste.

Podemos ainda pensar na escolha pelo chapéu nessa relação com os estereótipos que são reproduzidos por Bolsonaro: o chapéu é usado na cabeça, parte do corpo que é significada, na relação com o nordestino, de modo diferente daquela em que ocorre com o restante dos brasileiros. O estereótipo de ‘cabeça-chata’ é reforçado pelo Presidente quando ele afirma, em outras condições de produção, que “só tá faltando crescer um pouquinho a cabeça”²³. Aqui, o processo de significação produz como efeito de sentido a ideia de que há um perfil imaginário estereotipado de “baiano” e de “paraíba” que diferentes discursos na história parecem materializar.

Analisando as diferentes formas de instrumentos linguísticos (AUROUX, 1992) significarem *Nordeste* e *nordestino*, seja no discurso lexicográfico, seja no arquivo de um buscador de internet, observamos que o processo de significação produz uma topografia discursiva recortando sentidos institucionalizados historicamente por diferentes linguagens, reproduzindo espacialidades e estereótipos e cartografando relações de forças. Nesse sentido, o processo de significação de uma região é complexo, pois, de acordo com Albuquerque Jr. (2011, p. 34), é preciso

pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente por natureza. (...) Uma espacialidade, pois, que está sujeita ao movimento pendular

23 Disponível em <https://bit.ly/3cRkCdo>. Acesso em 03 set.2022.



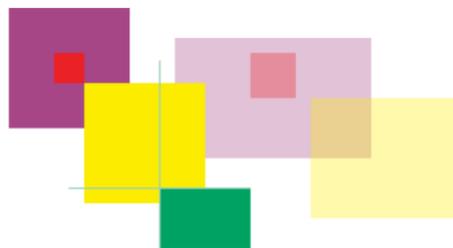
de destruição/construção, contrariando a imagem de eternidade que sempre se associa ao espaço (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 34).

Avançando em nossa reflexão, selecionamos, dentre diversas formulações que circulam socialmente, e apresentamos, a seguir, os enunciados [1] e [2] de Jair Bolsonaro, os quais fazem funcionar os sentidos próprios à relação trabalho x preguiça no que tange aos nordestinos, e suas respectivas paráfrases possíveis.

[1] “O Bolsa Família é uma mentira. No Nordeste, você não consegue uma pessoa para trabalhar na sua casa. Porque se for trabalhar, perde o Bolsa Família.”²⁴

- 1.1 Os nordestinos recusam trabalhos domésticos.
- 1.2 Os nordestinos ganham Bolsa Família.
- 1.3 Quem trabalha, perde o Bolsa Família.
- 1.4 Os nordestinos preferem a renda advinda do Bolsa Família à renda advinda do trabalho.
- 1.5 Os nordestinos preferem não trabalhar.
- 1.6 Os nordestinos deveriam preferir trabalhos domésticos a ganhar o bolsa família.
- 1.7 Os não-nordestinos trabalham na casa de outras pessoas.
- 1.8 Os não-nordestinos trabalham ao invés de receber bolsa família.
- 1.9 Os não-nordestinos preferem trabalhar a receber bolsa família.
- 1.10 O nordestino é preguiçoso.

²⁴ “Quando era candidato a presidente, em 2018, durante entrevista à RecordNews, Bolsonaro disse que pessoas atendidas pelo programa Bolsa Família - hoje Auxílio Brasil - estavam se recusando a trabalhar como empregadas domésticas. “O Bolsa Família é uma mentira. No Nordeste, você não consegue uma pessoa para trabalhar na sua casa. Porque se for trabalhar, perde o Bolsa Família.” – Portal O Povo, disponível em: <https://bit.ly/3KPZOPW> Acesso em 12 abr. 2022. O vídeo está disponível em: <https://bit.ly/3et9G5V>. Acesso em 06 set. 2022.



[2] "Você vê meninas no Nordeste. Bate a mão na barriga grávida, fala o seguinte, que tem também o auxílio natalidade: 'esse aqui vai ser uma geladeira'; 'esse aqui vai ser uma máquina de lavar'. E **não querem trabalhar**".²⁵ (grifo nosso)

2.1 As meninas no Nordeste engravidam para obter auxílio natalidade.

2.2 Engravidar é uma maneira de receber auxílio natalidade.

2.3 Auxílio natalidade permite comprar geladeira e máquina de lavar.

2.4 É errado usar auxílio natalidade para comprar eletrodomésticos.

2.5 As meninas do Nordeste preferem ter filhos e receber auxílio natalidade a trabalhar.

2.6 As meninas do Nordeste deveriam trabalhar ao invés de ter filhos e ganhar auxílio natalidade.

2.7 Existe um benefício social que se chama auxílio natalidade.

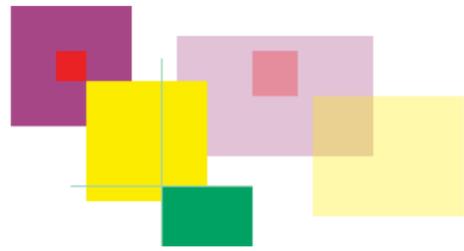
2.8 As meninas nordestinas são preguiçosas.

A preguiça, para além de uma falta grave nos dizeres bíblicos (ver, por exemplo, Provérbios, 10:4-5), é uma acusação recorrente no imaginário colonial e pós-colonial. Os europeus acusaram os indígenas e africanos de não quererem trabalhar. Segundo Orlandi (2021, p. 9),

o imaginário está presente no que chamamos de "formações imaginárias" que projetam a "situação" do sujeito, objetivamente descritível, para a sua "posição-sujeito" discursiva em que conta, não sua situação objetiva, mas a imagem que ele faz de si mesmo, do outro e do referente.

Ao significar o 'outro' como preguiçoso, o colonizador europeu significa a si mesmo como não-preguiçoso, entendido aqui a partir da dogmática cristã: "A mão preguiçosa empobrece, o braço diligente enriquece. Quem recolhe no outono é prudente, quem dorme

25 "Ainda em relação ao programa assistencial e seus efeitos no Nordeste, Bolsonaro disse, quando ainda tentava chegar à Presidência, que "meninas" estavam engravidando apenas para receber os recursos e não precisar procurar emprego. "Você vê meninas no Nordeste. Bate a mão na barriga grávida, fala o seguinte, que tem também o auxílio natalidade: 'esse aqui vai ser uma geladeira'; 'esse aqui vai ser uma máquina de lavar'. E não querem trabalhar". – Portal O Povo, disponível em: <https://bit.ly/3KPZOPW> Acesso em 12 abr. 2022. O vídeo está disponível em: <https://bit.ly/3et9G5V>. Acesso em 06 set. 2022.



na colheita é indigno” (Prov. 10:4-5). Nesses pares binários e opostos, o trabalho é a causa da riqueza enquanto a preguiça deveria ser a causa da vergonha. Quem trabalha seria sensato e quem dorme seria o causador da vergonha. Quem, no entanto, está no lugar de dizer quem trabalha e quem não trabalha?

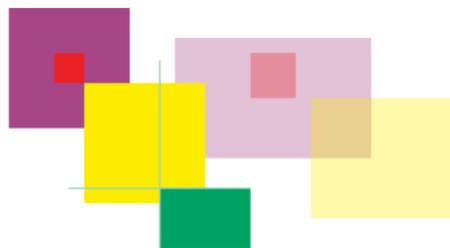
Os sentidos de *nordestino*, nos enunciados 1 e 2, bem como nas paráfrases derivadas deles, se constituem nessa rede de filiações da memória, pois é justamente a oposição *trabalho x preguiça* que vai significando quem seja o nordestino, e quem seja seu oposto. ‘Bolsa Família’, nesse ínterim, está filiado aos sentidos de facilidade, do não-trabalho, portanto, daquilo que empobrece o ser humano de um ponto de vista moral.

Essa oposição é uma regularidade na história do discurso sobre os povos colonizados. Segundo Alatas (1977), a ideologia colonial, que poderíamos pensar aqui em termos de formações ideológicas (PÊCHEUX, 2019), se utilizou da ideia do “nativo preguiçoso” para justificar práticas de injustiças compulsórias no que tange ao trabalho nas colônias (ALATAS, 1977, p. 2). Mesmo que Alatas (1977) esteja tratando dessa questão na Malásia, Filipinas e Indonésia, nosso ponto aqui é demonstrar que significar um grupo enquanto “preguiçoso” é uma estratégia discursiva de dominação, amplamente utilizada desde o século XVI. *Nordestinos*, pelo modo como são significados no discurso de Bolsonaro, passam a constituir essa rede de filiações, em que os povos originários são aqueles que não querem trabalhar – menos por uma recusa, mais por uma falha moral inerente.

No século XVIII, o Padre João Daniel faz derivar os sentidos de preguiça e diligência de Provérbios (10:4-5) para descrever as populações originárias: “Antes se pode dizer, que tanto mais são preguiçosos e inertes os seus habitantes, como diligentes e bem governadas as formigas” (DANIEL, 1975, p.175). Como uma regra de formação dos discursos coloniais/colonialistas, as imagens do Outro dão a justa medida de si: o indígena é preguiçoso, o europeu é diligente; o indígena precisa de um feitor enquanto o europeu trabalha por si.

É importante lembrar que, para a Análise de Discurso, quando falamos de imagens e imaginário, não estamos falando nem de mentira, nem (apenas) da noção psicanalítica de fantasia. O imaginário, segundo Orlandi (2021),

é constituído na produção de sentidos. Não há prática simbólica sem imaginário. Não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. Ideologia, aqui, discursivamente definida como imaginário que nos liga a nossas condições materiais de existência; pois a relação entre linguagem pensamento e mundo



não se correspondem termo a termo, e, por outro lado, há injunção à interpretação: diante de qualquer objeto simbólico, não podemos não interpretar, perguntamos pelos sentidos. A ideologia é uma prática, significativa (Orlandi, 2021, p.9).

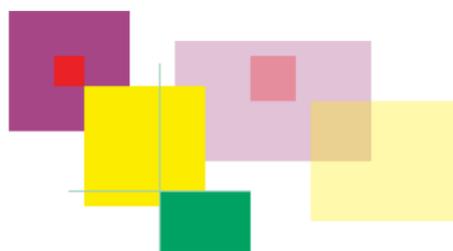
Barbato (2016) demonstra que filósofos e cientistas como Montesquieu, Buffon e Raynal estabeleciam uma relação de necessidade causal entre os climas tropicais e a personalidade das populações nativas. O calor dos trópicos formaria, segundo essa tradição, povos débeis, lascivos e, justamente, preguiçosos, “portanto, inferiores aos europeus, forjados nos rigores dos invernos da Europa” (BARBATO, 2016, p. 218).

A rede parafrástica que vai se constituindo nos dizeres de Bolsonaro a respeito do *Nordeste* e dos *nordestinos* significa por esse já-dito que se atualiza. Freitas Neto (2004), ao analisar o modo com as crônicas forjaram as identificações étnicas na América Hispânica do século XIX, afirma que os indígenas “resistiram, como revelou Héctor Bruit (1995), de forma simulada, “melando” a lógica do colonizador” (FREITAS NETO, 2004, p.3), mas que, dessa estratégia, as imagens do “índio preguiçoso” foram se difundindo.²⁶

“Índio preguiçoso” é parte dessa regularidade que analisamos até aqui. Enquanto sintagma formado por “substantivo + adjetivo”, pode ser parafraseado com um verbo de ligação: “índio é preguiçoso”. Retomando o trabalho de Alatas (1977), temos um elo dessa cadeia parafrástica: “nativo preguiçoso” > “nativo é preguiçoso”. É essa mesma predicação que aparece nas paráfrases dos enunciados 1 e 2: “o nordestino é preguiçoso” e “a menina nordestina é preguiçosa”.

A ‘preguiça’, nesse caso, é a moralização, pela ideologia, da pretensa recusa de produção de mais valia. Se, para Marx (2017 [1890], p. 255), o trabalho, considerado de modo abstrato, “é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”, o conceito de trabalho produtivo é mais específico: “A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor” (MARX, 2017 [1890], p. 578). Sendo mais-valor (mais valia, em outras traduções), o trabalhador não produz para si mesmo, mas, especificamente, para o capital. Assim, “só é produtivo o trabalhador que produz

26 Poderíamos seguir a análise levando em conta, por exemplo, Macunaíma, de Mário de Andrade, cujos bordões “Ai! Que preguiça!” e “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são!” se relacionam com a imagem bíblica formiga/trabalho, e também com a racialização da preguiça.



mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital” (MARX, 2017 [1890], p. 578).

Quando Bolsonaro produz esse efeito de oposição entre trabalho e preguiça, a preguiça deriva seus sentidos para o programa Bolsa Família, que apesar de ser parte de um programa de distribuição de renda, não predica a pessoa que o recebe enquanto ‘trabalhador produtivo’, pois este conceito “não encerra de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital” (MARX, 2017 [1890], p. 578).

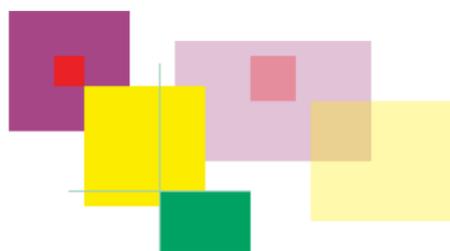
Na paráfrase 1.1, temos “Os nordestinos recusam trabalhos domésticos”, em que ‘trabalhar em casa’ pode ser derivado para trabalhos domésticos²⁷. Segundo o relatório “Quem cuida das cuidadoras: trabalho doméstico remunerado em tempos de coronavírus” do DIEESE (2020), apesar de o trabalho doméstico ser extremamente desvalorizado do ponto de vista da remuneração e direitos trabalhistas, ele é uma das principais formas de trabalho das mulheres no Brasil, ao mesmo tempo em que o Brasil é o país com o maior número de trabalhadoras domésticas. Lélia Gonzalez (2018 [1980]) demonstra inclusive que o lugar social da empregada doméstica é herança do lugar social de mucama.

Segundo Vieceli, Schneider e Monteiro (2017) retomados em DIEESE (2020), “a oferta do emprego doméstico varia de forma inversa ao crescimento do PIB e direta ao aumento da taxa de desemprego”. Assim, quanto maior o crescimento econômico menor o montante de empregadas domésticas, e quanto maior a taxa de desemprego maior a busca pela ocupação” (DIEESE, 2020, p. 6). Quando Bolsonaro afirma a relação entre nordestinos x trabalho, é produzida uma versão a respeito de um momento econômico de maior crescimento econômico e menor desemprego.

Quando o relatório cruza os marcadores de gênero e raça, temos que o trabalho doméstico é um trabalho feminino e negro:

em 2018, havia no país 6,23 milhões de pessoas ocupadas na atividade, segundo dados da PnadC. Desse total, apenas 457 mil eram homens e 5,77

27 Como esse recorte discursivo é de 2012, portanto fora das circunstâncias pandêmicas, não consideramos a possibilidade de ‘trabalhar em casa’ derivar para ‘home office’, por exemplo.



milhões eram mulheres, ou seja, as mulheres correspondiam a 92,7% da categoria. Do total de trabalhadoras, 3,75 milhões eram negras e 2,018 milhões não negras. As mulheres negras, portanto, representavam 65,0% do contingente de domésticas no país (DIEESE, 2020, p. 8, grifo nosso).

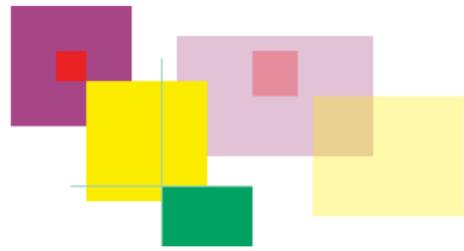
Derivando os sentidos do recorte discursivo 1, temos uma outra paráfrase possível: Mulheres nordestinas negras recusam trabalho / Mulheres nordestinas negras preferem o Bolsa Família.

Os dizeres de Bolsonaro, nesse jogo de formações imaginárias, ‘discursivizam a interseccionalidade’ (MACHADO, 2021) das opressões de gênero, classe, raça e território. Ao dizer que “o nordestino” não trabalha, Bolsonaro está dizendo que ele mesmo e aqueles que são parecidos com ele trabalham. Compreendemos esse jogo como uma projeção discursiva.

Recentemente, Figueiredo, Silva e Domingues (2022) fizeram um estudo baseado em estatística descritiva, a fim de determinar a quantidade média de horas trabalhadas pelo atual presidente, Jair Bolsonaro. Os autores utilizaram os dados da agenda oficial da presidência e disponibilizaram publicamente o arquivo do estudo. Considerando o período entre 01 de janeiro de 2019 e 06 de fevereiro de 2022, concluíram que:

a) o Presidente Jair Bolsonaro trabalhou, em média, 4,8 horas por dia; b) a quantidade média de horas diárias trabalhadas vem caindo em função do tempo, passou de 5,6 horas em 2019 para 3,6 horas em 2022; c) sexta-feira é o dia da semana com a menor média diária de trabalho (4,3 horas); d) todos os casos em que o tempo total de trabalho superou cinco horas dizem respeito a eventos em que o presidente estava em trânsito; e) Jair Bolsonaro labuta, em média, 18 horas a menos do que um trabalhador que é regido pela CLT e 14 horas a menos do que um servidor público federal da administração direta; f) o chefe do Executivo nacional gasta mais tempo em almoços (1,3 horas) do que em reuniões com ministros de estado (menos de 1 hora, em média); g) a quantidade total de tempo alocada em eventos envolvendo a participação de pastores caiu 53%, passando de 16 horas em 2019 para 7,5 horas em 2021; h) o presidente Jair Bolsonaro exibe uma ligeira tendência de privilegiar compromissos com o Exército em detrimento da Marinha e Aeronáutica e i) em meio a maior crise sanitária da história do país, Bolsonaro participou de cinco eventos envolvendo explicitamente o tema vacina, com duração média de 0,9 horas por compromisso, totalizando 4,3 horas, o que equivale, em unidades de tempo presidencial, a três almoços”. (FIGUEIREDO; SILVA; DOMINGUES, 2022, p. 1, grifo nosso).

A questão, ao integrar a nosso arquivo o estudo de Figueiredo, Silva e Domingues (2022), é menos fazer uma discussão empírica e mais demonstrar que, no campo das



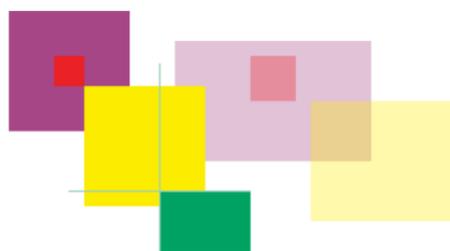
formações imaginárias, os mecanismos de projeção têm uma função importante na produção do discurso, enquanto “efeito de sentidos entre A e B” (PÊCHEUX, 2019 [1969]).

Grada Kilomba (2019), ao propor uma compreensão do trauma cotidiano do racismo por meio das lentes das teorias (feministas) pós-coloniais e psicanalíticas, demonstra que, no imaginário colonial, “fantasia-se que o *sujeito negro* quer possuir algo que pertence ao *senhor branco*: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau” (KILOMBA, 2019, p. 34). Essa produção pertenceria, moralmente, a quem a produziu, portanto comê-la não seria inapropriado. No entanto, “o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo” (KILOMBA, 2019, p. 34). Nesse processo, Kilomba (2019) reconhece um processo de negação, em que o colonizador nega seu projeto de dominação e o impõe, imaginariamente, ao colonizado. Assim, o sujeito colonizador, em um mecanismo de defesa do ego, afirma sobre o Outro aquilo que ele recusa a reconhecer em si próprio.

No problema que estamos analisando e seguindo o raciocínio de Kilomba (2019), temos então que o nordestino se torna aquilo com o que Bolsonaro não quer ser relacionado, um “inimigo intrusivo” (KILOMBA, 2019, p. 34) que revela aquilo que Bolsonaro quer esconder: que ele mesmo não trabalha. Assim, “partes *condidas* da psique são projetadas para fora, criando o chamado “Outro”, sempre como antagonista do “eu” (self)” (KILOMBA, 2019, p. 36).

Por meio dessa projeção imaginária - “nordestinos recusam trabalho” - é possível que Bolsonaro vivencie apenas a imagem de “presidente que trabalha”, portanto, moralmente aceitável dentro do modo de produção capitalista, enquanto os nordestinos são significados como Outro, significados enquanto moralmente duvidosos por conta da preguiça que está mais próxima de Bolsonaro que dos nordestinos.

Grada Kilomba (2019) está tratando do racismo contra pessoas negras em condições de produção coloniais e pós-coloniais. No entanto, seu trabalho passa a integrar nosso dispositivo analítico (ORLANDI, 2022) justamente porque, quando constituímos nosso arquivo com regularidades produzidas em diferentes condições, compreendemos que o sintagma “nordestino preguiçoso” significa por uma memória específica, que funciona por substituição paradigmática. Assim, teríamos o efeito sinonímico entre índio – nativo – nordestino, predicados por ‘preguiçoso’:



índio

nativo

nordestino

preguiçoso

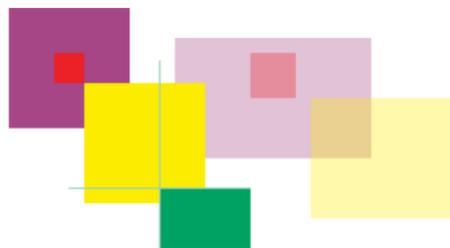
Tabela 2

Considerações finais

Construímos, nesse artigo, um arquivo heterogêneo a fim de analisar o discurso bolsonarista. Recortamos, particularmente, duas sequências discursivas de 2018, em que Jair Bolsonaro formulava sentidos sobre nordestinos e nordestinas. Mobilizamos o dispositivo teórico da Análise de Discurso, tal como proposta por Eni P. Orlandi e Michel Pêcheux, e um dispositivo analítico dos Estudos Pós-Coloniais. Cotejamos os sentidos de Nordeste e Nordestino em diferentes instrumentos linguísticos, e em diferentes materialidades discursivas.

Nos enunciados analisados, compreendemos uma regularidade discursiva que significa os nordestinos e as nordestinas enquanto preguiçosos, que ‘não gostam de trabalhar’. Esses dizeres – “o/a nordestino/a é preguiçoso” – produzem sentido porque se filiam a uma rede de memória que, desde o período colonial do Brasil, significa pessoas indígenas e africanas enquanto preguiçosas.

Essa rede de filiações da memória cria um efeito sinonímico, em que nordestino significa junto a indígena/nativo. Isso nos leva a pensar na diferença que Aníbal Quijano (1992; 2000) propõe entre colonialismo e colonialidade do poder. *Colonialismo* faz referência a um complexo estrutural de dominação e exploração, em que uma população X domina uma população Y, e exerce sobre a população Y alguma autoridade política e controle dos meios e dos recursos da produção e também do trabalho, e cujas sedes estão localizadas em diferentes territórios. Para Quijano (1992), o colonialismo é um fenômeno antigo, anterior à colonização da América, e não implicaria, necessariamente, relações de poder racialmente construídas.



Uma vez que o colonialismo, enquanto sistema formal de dominação política, tenha sido extirpado, dando lugar a outros modos de dominação, a colonialidade é, conseqüentemente, “o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo como ordem política foi destruído”²⁸ (QUIJANO, 1992, p. 14).

Significar nordestinos enquanto pessoas preguiçosas, que não gostam de trabalhar, e que por um tipo de ‘esperteza’ preferem receber ‘auxílios governamentais’, pode ser lido enquanto um traço da colonialidade do poder (QUIJANO, 1992; 2000) no discurso de Jair Messias Bolsonaro, uma vez que funciona pelo efeito paradigmático/sinonímico com ‘indígena/nativo preguiçoso’, sustentando-se, assim, pela memória do discurso colonial.

A Análise de Discurso é uma ferramenta fundamental para compreendermos a política contemporânea. Mais que isso, a Análise de Discurso, tal como praticada no Brasil, tem se mostrado uma ferramenta fundamental para compreendermos as recorrências coloniais e tirânicas na “América católica”, como canta Caetano Veloso.

Referências bibliográficas

AGRA DO Ó, Alarcon, Invenção, invenções. Apresentação à quarta edição da Invenção do Nordeste. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez. 2011.

ALATAS, Syed Hussein. **The myth of the lazy native. A study of the image of the Malays, Filipinos and Javanese from the 16th to the 20th century and its function in the ideology of colonial capitalism**. Londres: Frank Cass, 1977.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

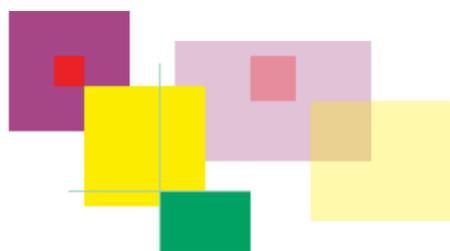
AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. Em terras de vagabundos e vagabundas: o clima tropical, a preguiça e a lascívia nas revistas do IHGB. In: **História Histórias**. Brasília. V.4. N.8. 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: adaptada da tradução francesa (ed. de 1998). 1. ed. 2002. 11. reimp. 2016. São Paulo: Paulus.

DANIEL, Padre João. **O tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas (1741-1757)**. Anais da Biblioteca Nacional, 1975. Disponível em: <https://bit.ly/3BgWpq8> Acesso em 31. ago. 2022.

28 Tradução de “aún el modo más general de dominación en el mundo actual, una vez que el colonialismo como orden político explícito fue destruído”.



DIEESE. Quem cuida das cuidadoras: trabalho doméstico remunerado em tempos de coronavírus. In: **Estudos e Pesquisas**. n.96. 15 de julho de 2020.

FREITAS NETO, José Alves de. O resgate da crônica, questões sobre etnia e a identidade na América hispânica do século XIX. In: **Revista Ideias** (UNICAMP). Campinas, V. Ano 11, n.1, 2004.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: _____. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Org. União dos Coletivos Pan-Africanistas. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018 [1980], p.190-214.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

LORAUX, Nicole. Da Anistia e de seu contrário. In: YERUSHALMI, Yosef Hayim *et al.* **Usos do Esquecimento**: conferências proferidas no colóquio de Royaumont. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

MACHADO, Isadora. **Encruzilhadas Interseccionais em Dicionários de Língua Portuguesa**. Relatório de Pesquisa. 2021. [*mimeo*]

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. O processo de produção do capital. Trad. de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NOBRE, Marcos. **Ponto Final - A guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**. 19 (4). dez.2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 73-81, jan. 1998.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy & ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. In: **Cadernos de Linguística**. V.2. N.1. p.01-15. 2021.

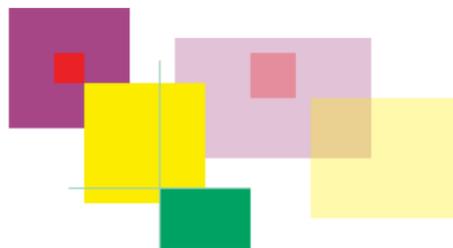
PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Paul *et al.* **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**. 13.29, 1992, p.11-20.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. **Colonialidad del Saber y Eurocentrismo**. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.



SILVA, Lucas; FIGUEIREDO, Dalson; DOMINGUES, Juliano. **Deixa o homem trabalhar? Uma análise da agenda presidencial de Jair Bolsonaro (2019-2022)**. Maio de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MA4V7>. Acesso em 24.ago.2022.